

***AÚN NO ME GUSTA MI HERMANO – UMA ANÁLISE DA
REPRESENTAÇÃO DA ARGENTINA NO JORNAL
NACIONAL***

RODOLFO SGORLA DA SILVA

Artigo científico apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo como requisito para aprovação na Disciplina de TCC I, sob orientação da Prof.^a Me. Andrea Weber e avaliação dos seguintes docentes:

Prof.^a Andrea Weber
Universidade Federal de Santa Maria
Orientadora

Prof. Fabio Silva
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Leonardo da Rocha Botega
Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Gonzalo Prudkin
Universidade Federal de Santa Maria
(Suplente)

Frederico Westphalen, 08 de Outubro de 2012.

Aún no me gusta mi Hermano – Uma Análise da Representação da Argentina no *Jornal Nacional*

Rodolfo Sgorla da Silva¹
Andrea Weber²

RESUMO

Argentina e Brasil são marcados por uma convivência conflitante ao longo da história. Ambos tiveram relações marcadas pelo conflito bélico e diplomático e concorrência econômica, porém, hoje, apesar de resquícios históricos e da marcante aversão de parte à parte no esporte, há o esforço de uma união aduaneira e de acordos internacionais para uma união entre os povos. Assim, nesse contexto, como é tratada a relação Brasil e Argentina no telejornal de maior audiência do Brasil? Há um incentivo da rivalidade com o país vizinho de sua parte? O presente trabalho de pesquisa se dedica a fazer um estudo da representação que o telejornal *Jornal Nacional*, da Rede Globo de Televisão, faz da Argentina, e faz isso apoiando-se, em especial, no segundo nível da hipótese de *Agenda-setting*, o enquadramento, e do conceito de representação de Stuart Hall.

PALAVRAS-CHAVE: *Jornal Nacional*; Telejornalismo; Enquadramento; Representação; Argentina.

Introdução

A formação dos Estados nacionais no Cone Sul se deu através de guerras ou de brigas diplomáticas. Primeiramente as disputas foram com as metrópoles europeias. Era necessário, para obter a independência, ter poder, e isso implicava que esse poder, mesmo sendo colônia ou um país recém independente, fosse expandido para os vizinhos. Por óbvio, isso resultou em duas situações, na formação de colônias com mais poder do que as demais e numa conseqüente rivalidade entre essas colônias com mais poder no continente. Os dois maiores países do Cone Sul foram e são Brasil e Argentina, que acabaram por disputar o grau de influência nos países menores da região. Isto acabou por motivar rivalidades e medidas protecionistas, além de guerras entre si e a disputa pelo controle do atual Uruguai. De todo modo, os dois países

¹ Acadêmico do 7º semestre do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

² Orientadora do trabalho. Professora do curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo da UFSM/Cesnors.

estiveram, juntamente com o Uruguai, do mesmo lado na Guerra do Paraguai, no século XIX; Brasil e Argentina estiveram do mesmo lado durante a I Guerra Mundial, se alinhando com os Estados Unidos e a Inglaterra, respectivamente; além do fato de que hoje, Argentina e Brasil são os principais membros do Mercado Comum do Sul (MERCOSUL), união aduaneira do continente sul-americano, que também busca a integração social e cultural.

Tendo em mente essa situação conflitante, em certos momentos de rivalidade em outros de união, surge o questionamento de como se dá a relação entre os dois países na atualidade. Conforme autores que serão abordados mais adiante, a opinião do público baseia-se nos conteúdos e formas de abordagem dos meios de comunicação, tendo influência na produção da opinião nas pessoas. Porém, os meios de comunicação são perpassados pela cultura do local onde se inserem, reproduzindo, de certa forma, a opinião do povo onde estão situados. Nesse contexto, uma das mídias mais presentes no cotidiano da população brasileira é a televisão, cujo telejornal de maior audiência no país é o *Jornal Nacional* (JN), da Rede Globo de Televisão. Tendo em vista esse fator, suscita-se o seguinte questionamento: como a Argentina é representada no telejornal de maior audiência da TV aberta do Brasil, o JN?

Para responder esse questionamento, será feita uma análise do JN no período de 30 de setembro de 2011 a 31 de dezembro do mesmo ano, baseando-se no conceito de representação de Stuart Hall, e no segundo nível da hipótese de *Agenda-setting*, o enquadramento.

No primeiro item deste trabalho, apresenta-se um histórico das relações entre Argentina e Brasil, depois uma análise teórica da presença de nações na mídia e jornalismo internacional, por fim, no referencial teórico-metodológico, são apresentadas definições do conceito de Representação, de Enquadramento e da Análise de Conteúdo. Posteriormente, é apresentada a análise dos resultados obtidos. Por último, expõem-se as considerações desta pesquisa.

1 Relações entre Brasil e Argentina

Antes de se tornarem independentes, conforme apontam Cervo e Rapoport (1998)³, Brasil e Argentina despontavam como potências. A Argentina através do porto de Buenos Aires e o Brasil com o porto do Rio de Janeiro. Ambos eram pontos estratégicos para recebimento e envio de produtos das colônias para as metrópoles. Assim, puderam ter maior crescimento econômico do que as demais colônias da América do Sul.

De acordo como Cervo e Rapoport (1998), basicamente com o intuito de manter os lucros com a venda das riquezas Brasil e Argentina tornaram-se independentes. Com a reorganização da distribuição de renda após a independência, os dois países estavam preparados para resistir ao contra-ataque Ibérico na busca pela recolonização, após Portugal e Espanha estabilizarem-se com o fim das guerras napoleônicas (CERVO E RAPOPORT, 1998).

Ainda com base nos autores citados acima, possivelmente, um primeiro desapontamento entre Argentina e Brasil aconteceu por conta da organização governamental dos dois países. Enquanto a Argentina, assim como os demais países do Cone Sul à medida que foram se tornando independentes, era uma República, o Brasil era a única Monarquia do continente.

A própria independência do Uruguai está vinculada a uma disputa entre Argentina e Brasil e, no caso brasileiro, com raízes dos tempos coloniais. De acordo com Cervo e Rapoport (1998), o território do atual Uruguai pertencia ao Vice Reino do Rio da Prata, cujo centro era Buenos Aires. Segundo os autores, desejosa de maior ascendência política, a Banda Oriental rompeu relações com Buenos Aires. Ao mesmo tempo, D. João VI ordenou a invasão deste território por tropas portuguesas, explicam. Em virtude do rompimento, Buenos Aires não tomou nenhuma atitude contrária e a Banda Oriental foi incorporada ao reino português em 1821 com o nome de Província Cisplatina (CERVO E RAPOPORT, 1998).

Mas em 1825, poderosos fazendeiros argentinos financiaram a entrada de 33 orientais, saídos de Buenos Aires e chefiados por Llavalleja, na Província Cisplatina,

³ Os referidos autores são citados majoritariamente neste trabalho por serem considerados os mais gabaritados no que tange às relações entre Argentina e Brasil.

para combater a dominação brasileira. Os argentinos estavam sendo prejudicados pelo abastecimento de estâncias do Rio Grande do Sul com gado oriental, seus concorrentes na produção de couro e carne. Em seguida, veio a declaração de guerra do Brasil (CERVO E RAPOPORT, 1998).

Após três anos, a guerra estava sem uma definição. O bloqueio brasileiro ao porto de Buenos Aires prejudicava o comércio de produtos ingleses. Além disso, interessava à Grã-Bretanha a existência de mais um país no continente, que seria por ela tutelado e comprador de seus produtos. Assim, Brasil e Argentina foram compelidos pela Inglaterra a aceitar a independência uruguaia. Os dois países ainda incentivariam durante o século XIX diversos levantes no interior do Uruguai contra Montevideú, conforme (CERVO E RAPOPORT, 1998).

Durante o século XIX, o Brasil ainda entraria em guerra contra a Argentina, governada por Juan Manuel Rosas.

A rivalidade política com a Argentina é retomada com o fim da guerra fratricida no sul do Brasil, pois o poder central brasileiro volta a ascender às pretensões de manter uma forte influência sobre o Uruguai e também o temor de que Argentina quisesse controlar os dois lados do Rio da Prata, na medida em que a política de Juan Manuel Rosas se fortalecia junto a várias províncias argentinas, incluindo Buenos Aires. Por isso, uma coalizão formada entre Brasil, a facção uruguaia dos “colorados” (aliados tradicionais de Brasil e Uruguai) e as províncias argentinas de *Corrientes* e *Entre Ríos*, se rebelou contra Rosas.

A guerra iniciou em 1851, com a presença dominante de Brasil, que convocou cerca de 24 mil homens, a maioria recrutada no Rio Grande do Sul, garantido o controle do Uruguai pelos “colorados”, com a derrota das tropas de Rosas em território argentino, na batalha de *Caseros*, em 1852. (JACKS ET AL, 2004, p. 49-50).⁴

Jacks et al (2004) ainda afirmam que Rosas foi um personagem marcante na história argentina, ao defender a soberania do país, acossada por França e Inglaterra.

⁴ Tradução pessoal. Do original: La rivalidad política con Argentina es retomada con el fin de la guerra fratricida en el sur de Brasil, pues el poder central brasileño vuelve a encender las pretensiones de mantener una fuerte influencia sobre Uruguay y también el temor de que Argentina quisiese controlar los dos lados del Río de la Plata, en la medida en que la política de Juan Manuel Rosas se fortalecía junto a varias provincias argentinas, incluyendo Buenos Aires. Por eso, una coalición formada entre Brasil, la facción uruguay de los “colorados” (aliados tradicionales de Brasil en Uruguay) y las provincias argentinas de Corrientes y Entre Ríos, se rebeló contra Rosas. La guerra se inició en 1851, con la presencia de dominante de Brasil, que convocó cerca de 24 mil hombres, la mayoría reclutada en Rio Grande do Sul, garantizando el control de Uruguay por los “colorados”, con la derrota de las tropas de Rosas en territorio argentino, en la batalla de Caseros, en 1852. (JACKS ET AL, 2004, p. 49-50).

Seu governo foi nacionalista, conservador e ajudou a criar um sentimento de unidade na nação e de união nas províncias.

Por outro lado, Brasil e Argentina também já foram aliados nos conflitos do Prata. É o caso da Guerra do Paraguai, onde Brasil, Argentina e Uruguai estiveram unidos para enfrentar o país governado por Solano López. “Este estaria no processo de formação dos estados nacionais da América Latina e na luta entre eles para assumir uma posição dominante no continente”⁵ (JACKS ET AL, 2004, p. 52). Ainda conforme as autoras, quando as relações com o Paraguai iam bem, era porque o governo brasileiro estava com problemas com a Argentina, quando iam mal, era porque suas relações com os argentinos tinham melhorado.

No começo do século seguinte, o XX, o Brasil alinhou-se economicamente com os EUA, enquanto a Argentina com a Grã-Bretanha, algo que gerou contradições políticas na região. Aliadas a isso, outras atitudes, como navios brasileiros ficarem em quarentena em Buenos Aires e a interdição da entrada de produtos argentinos de origem animal no Rio de Janeiro, incluem-se na lista de fatos que motivam uma “rivalidade entre os dois países, ao nível subjetivo, como um estereótipo ideológico” (CERVO; RAPOPORT, 1998, p. 305).

“Com efeito, as relações entre Brasil e Argentina melhoraram, sensivelmente, desde 1889, e se tornaram cada vez mais cordiais” (CERVO, RAPOPORT, 1998, p. 303), mas durante este período, “a troca de atos de cortesia com a Argentina não superava as desconfianças” (CERVO; RAPOPORT, 1998, p. 305).

De todo modo, a conjuntura do século XX, infere-se, foi decisiva para que houvesse um alinhamento entre Brasil e Argentina. No início do século, foram governados por Getúlio Vargas e Agustín Justo, ambos herdeiros de revoluções, e que chegaram a assinar vários acordos de cooperação. O simbolismo e popularidade alcançados por Vargas podem ser relacionadas com os que possuía o presidente argentino Juan Domingo Perón, conforme apontam diversos historiadores e analistas políticos nos dois países. Nesse período, após séculos de separação por conta do Rio Uruguai, foi inaugurada uma ponte unindo os dois países, em Uruguaiana e Paso de Los Libres. Depois, as duas nações passaram por ditaduras militares, conforme Cervo e Rapoport (1998) e Jambeiro (1997).

⁵ Tradução pessoal. Do original: Éste estaría en el proceso de formación de los estados nacionales de América Latina y en la lucha entre ellos por asumir una posición dominante en el continente. (JACKS ET AL, 2004, p. 52).

Quase trinta anos depois, veio a primeira ação formal de união entre os países. Conforme a página na internet do MERCOSUL, em 1991 aconteceu a assinatura do Tratado de Assunción, onde juntamente com Uruguai e Paraguai, Brasil e Argentina se uniram e formaram o Mercado Comum do Sul (MERCOSUL). A união previa a integração econômica, política, social e cultural, ainda que a ênfase recaísse sobre a primeira.

É importante que se ressalte que o MERCOSUL não nasceu com o plano de ser um Bloco de Cooperação, mas, sim, uma União Aduaneira, gerando mais facilidades nos negócios entre os países e acordos entre os governos. Talvez alguns aspectos como não permissão de livre trânsito de mercadorias e pessoas entre as nações dificulte que se criem laços entre seus habitantes, conforme aponta um dos entrevistados em reportagem especial durante programa da TV Brasil (2011). Na última década, Chefes de Estado componentes do MERCOSUL levantaram a discussão de que a integração estava restrita ao plano econômico, passando, então, a buscar alternativas para que se efetuasse uma integração social e cultural entre os povos (TV BRASIL, 2011).

Aproximadamente dez anos depois da criação do MERCOSUL, na década de 2000, grande parte dos países da América Latina passou a ser governada praticamente por presidentes que podem ser considerados de esquerda, portanto, alinhados politicamente. Tiveram bom relacionamento os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Nestor Kirchner. Algo que se mantém com as atuais presidentes Dilma Rousseff, ex-ministra do governo Lula, e Cristina Kirchner, esposa do já falecido ex-presidente Nestor, como mostram as notícias de acordos e negociações veiculadas pela imprensa brasileira, analisadas empiricamente.

Mas ao serem nações distintas, que em um passado recente tinham relações conturbadas e chegaram a travar guerras, outro aspecto precisa ser considerado. De acordo com Ianni (1987, p. 5), “a Nação pode ser vista como uma configuração histórica, em que se organizam, sintetizam e desenvolvem forças sociais, atividades econômicas, arranjos políticos, produções culturais, diversidades regionais, multiplicidades raciais”.

Ao considerar Brasil e Argentina, e suas formações históricas, a primeira diferença reside no fato, já mencionado acima, de que o Brasil foi colonizado por Portugal e a Argentina pela Espanha. Durante quase um século, o Brasil foi um império, enquanto que a Argentina, desde a independência, foi uma República. “A gênese de

cada sociedade nacional compreende tanto a luta contra a metrópole como as divergências internas, além dos conflitos com vizinhos” (IANNI, 1987, p. 8). Ou seja, um certo receio com relação aos países vizinhos conforma uma parte fundamental da própria ideia de nação.

No momento em que se tornaram nações, havia diversidade entre seus povos. Assim, a independência, que seria luta de todo o povo, foi algo pertencente a alguns setores (IANNI, 1987). Se há diversidade, é possível que não haja identidade, que não haja um sentimento de pertencimento. “Nos países que compõem o MERCOSUL, a busca da chamada ‘identidade nacional’ foi frequentemente confundida com um nacionalismo exagerado” (JAMBEIRO, 1997, p. 7). Nacionalismo, esse, complementa Jambeiro (1997), como uma concepção de nacional que se opõe ao estrangeiro.

Analisando sob outro plano, há a disputa econômica entre os países, pelo fato de produzirem e exportarem os mesmos produtos, ou, um importar do outro. Práticas que o MERCOSUL busca regularizar, mas que, mesmo assim, certas vezes são motivos de desentendimentos entre produtores e compradores, recorrendo-se, desta forma, a resoluções diplomáticas entre as nações, conforme mostra novamente a TV Brasil (2011).

De certa forma, as relações no continente podem, ainda, ser marcadas por forte nacionalismo pragmático, parecendo ser difícil manter a cordialidade nesses diálogos. Isso porque é possível notar que alguns dos vários aspectos que permeiam a relação entre Brasil e Argentina se tornam, em determinados momentos, catalisadores de aversões, rugas e desentendimentos entre as populações. Ao ganharem notabilidade ou possuírem importância, são abordadas pela mídia, que, inevitavelmente, vai trazer à tona, também, o clima existente nesse relacionamento, já que, conforme Jacks et al (2004), não é possível o jornalismo escapar do sentimento de rivalidade entre argentinos e brasileiros, que, por sua vez, tem origem no cotidiano e cultura desses povos.

Depois de mais de um século sem conflitos bélicos, com um tratado de integração completando vinte anos, com ações governamentais indo nesse sentido, como se organiza o imaginário sobre o país vizinho, os sentimentos, as relações sociais, a relação diplomática entre os países? Uma análise sobre a presença desses temas na mídia pode ajudar a compreender como se processam esses fatores.

2 As nações na mídia

Como parte integrante da sociedade, é normal que haja intercâmbio entre ela e a mídia. Assim, uma pode ser refletida ou influenciada pela outra. Em se tratando de rivalidade ou de aliança entre países, de nacionalismo ou regionalismo transnacional, se esses são temas existentes na relação das pessoas, existe a possibilidade de ocorrer, também, na mídia.

Jacks et al (2004), baseada em Schmeil (1994), afirmam que brasileiros e argentinos são influenciados por um sistema de representação prévio, que vem não só da mídia, mas da larga história de relações políticas e econômicas entre os dois países marcada, na quase totalidade dos casos, por divergências e conflitos.

Baseada em Michel Foucault (1995), Jacks et al (2004, p. 30) afirmam que:

Não construímos um mundo apenas baseando-nos em nossa consciência; ao contrário, somos, na maior parte das vezes, reféns de nosso inconsciente, de nossos desejos, prejuízos e sentimentos, muitas vezes inconfessáveis, de marcas aparentemente legadas ao esquecimento.⁶

Mais adiante, as autoras dizem que “A perda da noção histórica impede a construção de um futuro diferente do presente. Temos a sensação de viver um “eterno presente”⁷ (JACKS ET AL, 2004, p, 31). Esse ponto refere-se, conforme as autoras, também para a produção e consumo de informações. Juntando estes dois últimos trechos, pode-se inferir que são lentas as mudanças na concepção das pessoas sobre o mundo que as cerca e que essa percepção é, muitas vezes, baseada em algo fora do seu controle, o inconsciente. Desta forma, calcada também na base histórica que possui, a rivalidade, a aversão ao estrangeiro pode se perpetuar no decorrer das épocas.

Levando em conta que o enfoque do presente trabalho é a presença de um país estrangeiro no JN, é necessário que se faça um apanhado sobre o jornalismo internacional, editoria tradicionalmente responsável por abrigar notícias do exterior, explica Natali (2004).

⁶ Tradução pessoal. Do original: No construimos un mundo apenas basándonos en nuestra consciencia; al contrario, somos, la mayor parte de las veces, rehenes de nuestro inconsciente, de nuestros deseos, prejuicios y sentimientos, muchas veces inconfesables, de marcas aparentemente legadas al olvido. (JACKS ET AL, 2004, p. 30).

⁷ Tradução pessoal. Do original: La pérdida de la noción histórica impide la construcción de un futuro diferente del presente. Tenemos la sensación de vivir un “eterno presente”. (JACKS ET AL, 2004, p. 31).

De acordo com o autor, a mídia brasileira enfrenta um problema econômico que, conseqüentemente, perpassa o lado jornalístico. Com vários veículos passando por crises financeiras, torna-se complicado manter correspondentes internacionais. Isso fez com que várias empresas enxugassem o quadro de jornalistas no exterior.

As informações, então, passaram a ser fornecidas por agências internacionais de notícias, que despacham uma mesma notícia para publicações de diversos lugares do planeta, nas diversas plataformas midiáticas em que são veiculadas (NATALI, 2004). Em geral, essas agências são norte-americanas e europeias, sendo a América do Sul, apenas consumidora de notícias por elas distribuídas (STEINBERGER-ELIAS, 2005).

Sobre isso, Steinberger-Elias (2005, p. 237) argumenta que:

O jornalismo internacional, como território simbólico no qual a sociedade latino-americana manifesta uma resistência crítica especialmente baixa, baseia-se na organização de representações sociocognitivas plantadas pelo imaginário social ainda de nossos tempos de colônia. Trata-se de um imaginário mapeado por desejos que nos são alheios, mas que, por efeito ideológico, reconhecemos como próprios. Em vez das identidades tradicionalmente construídas, somos atravessados por novas identidades simbólicas construídas de acordo com uma condição ainda de subalternidade.

Percebe-se, então, que o jornalismo internacional pode ser palco para interpretações particulares de outros lugares. Em se tratando do caso específico do JN, essa interpretação particular ocorre sob outro prisma. A Rede Globo mantém dois correspondentes em Buenos Aires. Uma repórter e um repórter cinematográfico são responsáveis por informações da Argentina e de outros países da América do Sul. Com isso, há o olhar sobre uma cultura e país com a visão nacional, já que são dois profissionais brasileiros.

Importante, também, é situar a prática do jornalismo internacional como posterior à Guerra Fria e ao conseqüente fim da divisão do mundo em dois blocos. Por conta disso, houve o fim da polarização e a existência de uma única superpotência, os Estados Unidos (NATALI, 2004). Isso leva a perceber uma preocupação em Natali (2004) e em Steinberger-Elias (2005).

Para os autores, a visão que se tem da América da Latina, não é uma visão de latinos nem uma visão brasileira. Mas, sim, uma visão instrumentalizada pelos norte-americanos, por ser a maior potência econômica e, conseqüentemente, ocupar maior tempo e espaço no noticiário internacional. É nesta lógica que se insere o jornalismo internacional brasileiro, quando o assunto é abordar seus vizinhos. É, por extensão,

nessa situação que se insere a representação feita da Argentina pelo *Jornal Nacional*, porém com enfoque diferenciado, ou seja, espera-se que o JN tenha um “olhar latino” ao abordar a Argentina, já que possui correspondentes na nação vizinha. De todo modo, a lógica econômica é regulada pelos EUA, o que acaba por influenciar, globalmente, as demais práticas, entre elas, o jornalismo.

Quando se trata da abordagem da Argentina pelo *Jornal Nacional*, temos de ter em mente dois fatores: seu caráter nacional e sua condição técnica de telejornal. “O que ninguém ousa ainda discutir é a liderança absoluta do *Jornal Nacional* entre os telejornais, condição que lhe outorga um enorme poder de impacto informativo em todo o Brasil” (REZENDE, 2000, p. 170). Levando em conta que o JN é o telejornal de maior audiência da televisão aberta do Brasil, o alcance massivo da Rede Globo no país e o fato de ser gratuito, grandes são as possibilidades de que ele seja o produto jornalístico mais consumido no Brasil. Isto leva a considerar que, mesmo o enfoque deste trabalho não sendo o público, o JN, dentro do espaço que a mídia ocupa na formação da opinião das pessoas, junto com uma série de outros componentes da sociedade e do cotidiano delas, talvez seja o veículo jornalístico com mais influência sobre a população brasileira. Esse foi o fato que motivou a escolha do JN para esse trabalho. Para Mendes (2006), o JN apresenta-se como o *Jornal da Nação*, presente em todo o território brasileiro, fazendo uma integração entre as diferentes localidades pela notícia, através da existência de repórteres espalhados pelo Brasil.

Além disso, a televisão é um meio de comunicação que prende a atenção do público por suas próprias características, afinal “interrupção, conforme já se disse, é um conceito que o discurso televisivo não comporta. Seu principal traço distintivo é o ritmo frenético e incessante da sucessão de fragmentos encadeados” (REZENDE, 2000, p. 32).

Ainda conforme Rezende (2000, p. 171), em análise percorrendo o período desde a estreia do referido telejornal, “o JN atravessou todos esses anos com as marcas do refinamento formal e da limitação no conteúdo das notícias”. Indiretamente, Willian Bonner, atual editor-chefe do JN, ao explicar o objetivo básico do telejornal, ratifica a ideia de limitação de conteúdo apresentada por Rezende (2000).

Todos os profissionais envolvidos na elaboração do Jornal Nacional precisam ter em mente aquele objetivo básico: mostrar aquilo que de mais importante aconteceu no Brasil e no mundo naquele dia, com clareza, correção, isenção e pluralidade.

Nos dias de hoje, uma torrente de assuntos invade as telas dos computadores numa infinidade de notas nos sites de jornalismo. [...] Em televisão, a escassez de espaço do jornal dá lugar à limitação de tempo. (BONNER, 2009, p. 93).

Tendo em mente o objetivo base do JN e a complicação do fator tempo, evidencia-se que há uma rigorosa seleção dos assuntos que compõem cada edição do JN. Levando em conta a diversidade de assuntos que ocorrem na numerosa quantidade de países componentes do planeta, aliados à dedicação principal do telejornal em focar o que acontece no Brasil, fica claro que a Argentina tem de “disputar” espaço com várias “concorrentes” para entrar no JN.

Além disso, aparecem outras características do programa noticioso relacionadas aos objetivos desta pesquisa. “Fora a complexidade do tema e a disponibilidade de tempo, há ainda um terceiro item que eu poria na lista dos critérios secundários: a disponibilidade de imagens do assunto em questão” (BONNER, 2009, p 110). Com relação a este último item, o JN tem à sua disposição dois correspondentes em Buenos Aires, como já foi dito anteriormente. Além disso, a inclusão da Argentina no JN depende de ser algo com a grandeza necessária para, por si só, ser noticiado e/ou estar relacionado com o Brasil, conforme Bonner (2009).

Para entender a representação da Argentina feita pelo JN, é necessário saber quais e como são abordados os fatos relativos ao país vizinho. Para isso, faz-se uso de uma teoria do Jornalismo que analisa as pautas e seu enfoque, a Teoria do Agendamento e do Enquadramento Jornalísticos.

3 Referencial teórico-metodológico: Representação, Agendamento, Enquadramento e Análise de Conteúdo

O conceito de representação utilizado neste trabalho é o formulado por Stuart Hall.

Representação é a produção de sentido dos conceitos em nossas mentes através da linguagem. É essa ligação entre conceitos e linguagem que nos permite se referir ao mundo real de objetos, pessoas e eventos, ou, de fato, para o mundo imaginário de objetos, pessoas e eventos ficcionais. (HALL, 1997, p. 17).⁸

Representação é o processo que liga as “coisas”, conceitos e signos. Aproximando esse conceito das práticas do Jornalismo, a notícia não é o fato em si, mas algo que é uma linguagem e que está lá substituindo o fato, representando-o.

“Nós também formamos conceitos sobre o que nós nunca vimos, e possivelmente, não podemos e nem veremos alguma vez, e sobre pessoas e lugares que nós claramente criamos” (HALL, 1997, p. 17)⁹. Com base nisso, pode-se dizer que o brasileiro que não conhece ou não tem contato com a Argentina também pode fazer sua imagem a respeito dela. Se for telespectador do JN, terá o reforço dessa imagem, dessa linguagem para formar a sua.

Ainda segundo Hall (1997), a representação trabalha apoiada na cultura, contexto de cada pessoa. “O conceito reconstitui uma cadeia de causas e efeitos, motivos e intenções ... através do conceito ... uma história inteiramente nova ... é implantada no mito” (HALL, 1997, p. 39-40)¹⁰. Assim, cada nova apreensão de um conceito vai reforçar alguma concepção.

Um dos modos de se representar um país jornalisticamente é através de quais fatos se tornarão notícia. A teoria do Jornalismo denomina esse estudo de hipótese de *Agenda-setting*. Dedicada a analisar o que a mídia nos fornece de conteúdos e formulada por McCombs e Shaw, a hipótese afirma, sinteticamente, que a mídia não nos diz o que pensar, mas sobre o que pensar, ou seja, fornece um leque de assuntos sobre os quais o público é o responsável pela formação da própria opinião, conforme Wolf (2008).

Outro modo de representar um país é por meio da angulação de fatos selecionados, isto é, ao determinar-se de que maneira as notícias se configuram. Este é

⁸ Tradução pessoal. Do original: “Representation is the production of the meaning of the concepts in our minds through language. It is the link between concepts and language which enables us to *refer to* either the ‘real’ world of objects, people or events, or indeed to imaginary worlds of fictional objects, people and events”. (HALL, 1997, p. 17).

⁹ Tradução pessoal. Do original: “We also form concepts about thing we never have seen, and possibly can’t or won’t ever see, and about people and places we have plainly made up” (HALL, 1997, p. 17)

¹⁰ Tradução pessoal. Do original: “The concept reconstitutes a chain of causes and effects, motives and intentions ... Through the concept ... a whole new history ... is implanted in the myth” (HALL, 1997, p. 39-40).

um segundo nível da teoria, que afirma que “os meios de comunicação de massa fornecem algo que é mais do que simplesmente um certo número de notícias. Eles fornecem também as categorias em que os destinatários podem facilmente situá-las” (SHAW, 1979, p. 103 *apud* WOLF, 2008, p. 145). Assim, os meios de comunicação delineiam um quadro formado por determinados aspectos da realidade, quadro no qual está posto o que o destinatário precisa para compreender a mensagem. Ou seja, o enquadramento de determinados aspectos, e conseqüente exclusão de outros, vai ser o mecanismo de interpretação da notícia.

Nos processos de agendamento e enquadramento tem forte influência a divisão em cadernos e editorias. Bueno (2009), embora sem citar as hipóteses de *Agenda-setting*, afirma que os meios de comunicação, incentivados pela divisão em editorias ou cadernos, tendem a focar os assuntos de acordo com seu foco de interesse. Ele exemplifica que uma empresa que gera lucros terá bom impacto em uma página de economia, mesmo que ambientalmente não cumpra corretamente seu papel, o que resultará em abordagem negativa em áreas de saúde e meio ambiente. Ou seja, o foco do veículo de comunicação está diretamente ligado aos seus objetivos.

Já Roberts (1972, citado por WOLF, 2008) afirma que, à medida que o público não é capaz de controlar a exatidão da representação social, balizado em algo externo à mídia, a imagem formada com base nessa representação, que pode se chamar midiática, acaba por ser distorcida, estereotipada ou manipulada. Nesta situação se enquadra esta pesquisa. Por mais que a Argentina seja um país que faça fronteira com o Brasil, não há, por parte da grande maioria da população brasileira, um contato direto com o país vizinho. Assim, o imaginário social sobre os *hermanos* pode sofrer influência muito significativa da representação feita pelos meios de comunicação.

Para identificar tal representação, decidiu-se analisar o telejornal *Jornal Nacional*, em edições veiculadas no período de 30 de setembro de 2011 a 31 de dezembro do mesmo ano, totalizando 80 edições. Dois motivos foram norteadores para a escolha deste período como referência para o *corpus*. 1) por ser um espaço de tempo relativamente longo, ou seja, probabilisticamente falando, com mais chances de que houvesse menção à Argentina, e 2) por essa fração temporal compreender o mês de outubro, quando, naquele ano, se realizaram as eleições presidenciais argentinas, fato que, pela importância que possui, tinha grandes chances de ser noticiado, o que de fato aconteceu.

De modo a facilitar o trabalho e ao mesmo tempo realizar uma pesquisa qualitativa, a ferramenta utilizada para fazer esse mapeamento foi a Análise de Conteúdo.

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culminem em descrições numéricas de algumas características do *corpus* do texto, considerável atenção está sendo dada aos “tipos”, “qualidades”, e “distinções” no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos. (BAUER, 2008, p. 190).

Tendo esta definição em mente, é possível fazer uma análise com dados mas que tente dar uma explicação causal, isso porque “através da reconstrução de representações, os analistas de conteúdo inferem a expressão dos contextos, e o apelo através desses contextos” (BAUER, 2008, p. 192).

Foram incluídas na análise somente aquelas notícias onde a Argentina desempenha o papel central, o foco principal da abordagem, ou com algum nativo exercendo papel nela. Elas foram então analisadas a partir das categorias de tema e formato jornalístico. O estudo dos temas compreende três etapas. A primeira delimitou quatro categorias temáticas: Esporte, Internacional, Política e Relações com o Brasil. Julga-se necessário explicar duas das categorias que vão agrupar as notícias, Internacional e Relações com o Brasil. Na primeira, enquadram-se notícias que onde a Argentina está em relação com outros países, exceto o Brasil. Na segunda, quando se encontra em contato com o Brasil.

A segunda etapa do trabalho de análise foi a contabilização das palavras que mais se repetem nas notícias relativas à Argentina. Nesta etapa, foram contabilizadas e incluídas nos quadros apenas as palavras que tivessem, no mínimo, duas ocorrências.

O estudo das palavras que se repetem se justifica porque

A frequência das palavras e sua ordenação, o vocabulário, os tipos de palavras e as características gramaticais e estilísticas são indicadores de uma fonte e da probabilidade de influência sobre alguma audiência. O frequente emprego de uma forma de palavras que não é comum pode identificar um provável autor e determinado vocabulário pode indicar um tipo provável de público. (BAUER, 2008, p. 193).

Além de probabilidade de influência sobre a audiência, a repetição de palavras pode significar um enquadramento determinado. “A co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos” (BAUER, 2008, p. 193), além de, ainda conforme Bauer (2008), ser exemplos de temas predefinidos e de avaliações, já que, para o autor, “as características sintáticas e semânticas de um *corpus* de texto permitem ao pesquisador fazer conjecturas fundamentadas [...]. Tais conjecturas podem inferir os valores, atitudes, estereótipos, símbolos e cosmovisões de um texto sobre o qual pouco se sabe” (BAUER, 2008, p. 193).

Com relação ao estudo dos formatos telejornalísticos, sua categorização revela sobre a profundidade das notícias e da importância atribuída a elas no *script* do telejornal. Conforme Alexandre (2011, apud Rezende 2000), no gênero informativo, são cinco formatos: nota, notícia (também chamada de matéria), reportagem, entrevista e indicador.

A nota assume duas formas, pelada (simples) ou coberta. A pelada não tem apoio de imagens, é semelhante a uma cabeça, enquanto que a coberta é acompanhada por imagens, cabeça e texto em *off*, conforme Alexandre (2011). “A nota é a transmissão mais breve da notícia, [...] geralmente é utilizada em fatos que aconteceram próximos ao fechamento da edição ou em fatos que, seguindo a linha editorial da emissora, não merecem maior atenção” (ALEXANDRE, 2011, p. 6). De acordo com Silva (2010), a nota pelada e a nota coberta têm, em média, duração de até 15 segundos e de até 25 segundos, respectivamente. Outro exemplo de nota, porém com função diferente das anteriores, é a nota de pé. Utilizada após matérias ou reportagens, é, conforme Silva (2010), um texto lido pelo apresentador que busca corrigir ou complementar uma informação.

A notícia, também conhecida como matéria, conforme Silva (2010), tem, em média, entre 1 minuto e 30 segundos e 1 minuto e 40 segundos, e “apresenta as informações de modo mais apurado do que a nota por combinar várias unidades comunicacionais, tais como cabeça, *off*, sonora, boletim, nota de pé” (ALEXANDRE, 2011, p. 6, apud REZENDE, 2000).

A reportagem, para Rezende (2000), faz uso da mesma estrutura que a matéria, porém, com um relato mais aprofundado e interpretativo da notícia abordada. Seu tempo varia, em média, de 3 a 5 minutos. Rezende (2000, p. 157) também conceitua a

entrevista, ele afirma que ela busca “extrair informações, ideias e opiniões a respeito de fatos, questões de interesse público e/ou aspectos da vida pessoal do entrevistado”. Para Alexandre (2010), ela se destina para fontes envolvidas direta ou indiretamente com a notícia. Apenas esses formatos serão conceituados porque são os únicos com ocorrência no *corpus*.

Tendo por base o exposto sobre as obras que referenciam este trabalho e esclarecida a metodologia utilizada, passa-se, agora, para a análise do objeto de estudo deste trabalho, as edições do Jornal Nacional, com o objetivo de conhecer a representação sobre a Argentina por ele efetuada.

4 Resultados: a representação da Argentina pelo Jornal Nacional

Antes de passarmos à análise temática, apresenta-se um quadro que especifica a data de veiculação e o assunto das 39 notícias selecionadas para compor o *corpus* da pesquisa.

DATA	NOTÍCIA	DATA	NOTÍCIA
30/09	Embargo a calçados	30/11	Pelé Messi X Neymar
10/10	Maior n° turistas	02/12	Encontro países Venezuela
11/10	Argentina X Irã	05/12	Candidatos melhor do mundo
14/10	Julgamento anjo loiro	09/12	Mid. comprações Messi Neymar
17/10	Vulcão Chile voos	10/12	Posse Cristina Kirchner
17/10	Pan Hugo Hoyama	10/12	Fábrica craques Barcelona
21/10	Eleições Argentina	15/12	Classificação Barcelona
22/10	Eleições Argentina	16/12	Cristina papel prensa
24/10	Reeleição Cristina	16/12	Preparação Santos
24/10	Handebol Pan	16/12	Messi X Neymar científica.
24/10	Destino preferido	19/12	Cita Messi não diz o argentino
25/10	Handebol Pan	20/12	Invasão TV a cabo
27/10	Condenação anjo loiro	21/12	Mercosul Ilhas Malvinas
29/10	Mensagem para Lula	23/12	Crítica à papel prensa
31/10	Conter valor. Dólar	26/12	Acidente argentinos
1°/11	Favoritos melhor mundo futeb.	26/12	Preço viagem a Buenos Aires
02/11	IDH comparação com vizinhos	27/12	Vulcão Chile turista Arg.
02/11	Provocação estádio La Plata	28/12	Doença Cristina Kirchner
11/11	Empate Arg X Bol Eliminató.	30/12	Argentinas sem passagem
16/11	Jogo com Arg copa vôlei	Total:	39 notícias

Quadro 4.1 – As notícias relativas à Argentina no JN e datas de veiculação

Apesar da diversidade de formatos, e conseqüentemente da forma e da profundidade na apresentação de conteúdos, há uma considerável menção à Argentina

no *corpus*. Isso porque há 39 menções em um total de 80 edições, ou seja, praticamente em metade das edições do JN houve atenção à Argentina. Assim, é possível afirmar que o JN atribui, com base no número de notícias relativas à Argentina em um universo de 80, uma certa importância ao país vizinho, independente do enquadramento dado a elas.

Analisando os jornais gaúchos *Zero Hora* e *Correio do Povo* e o catarinense *Diário Catarinense*, Jacks et al (2004) procuraram notar a forma de tratamento dada à Argentina. Conforme as autoras, há um predomínio, nesses veículos, de notícias relacionadas ao fluxo turístico de argentinos no Brasil. Destacam-se, ainda segundo as autoras, pautas como acidentes de trânsito, o comportamento dos argentinos na praia e no trânsito, festas e o lado econômico da vinda deles para o Brasil. Ou seja, um enfoque voltado predominantemente para as relações advindas do turismo de argentinos no Brasil. Com base no quadro acima, é possível perceber uma diferença do JN em relação aos jornais do Sul do Brasil. Há, sim, o tratamento a questões “turísticas”, porém o enfoque do telejornal recai sobre um leque mais amplo de pautas, como a política no país vizinho e o esporte, para citar apenas dois exemplos.

No que diz respeito às pautas abordadas, analisando o enquadramento com base na hipótese de *agenda-setting*, há a predominância das eleições presidenciais argentinas, com quatro ocorrências.

Outro tema de significativa importância foi a questão da liberdade de imprensa, com três ocorrências no período analisado. A nova lei que regia o comércio de papel de imprensa na Argentina era apresentada pelo jornal como um entrave à liberdade de imprensa, produzindo uma representação de desorganização e autoritarismo relacionada ao país vizinho.

Também tem grande ênfase nas notícias a comparação entre Messi e Neymar, mesmo que o confronto futebolístico fosse entre um time brasileiro e um espanhol (e não argentino), sendo que ainda não havia acontecido tal partida nem havia certeza de sua ocorrência, de fato, por conta das fases classificatórias que os dois clubes ainda precisariam disputar. Apesar do fato de ter uma matéria apontando o brasileiro como o melhor jogador, outra como sendo o argentino o melhor e uma terceira sem definir o “mais craque”, há um reforço, ao se veicular três vezes essa pauta, da disputa entre um brasileiro e um argentino e, por extensão, a disputa entre Brasil e Argentina. Foi esse o enquadramento dado pelo JN, conforme Wolf (2008).

Se, conforme Bauer (2008), a repetição de palavras ou expressões pode estabelecer um certo parâmetro de saber quem é o autor e o público envolvidos, no caso do JN percebemos a presença de um enunciador que se apresenta como brasileiro, apoiador de Neymar e rival de Messi, que se dirige a um público, também, brasileiro, tendo, entre si, compartilhamentos por pertencer ao mesmo país e, assim, similaridades de pensamento e comportamento na esfera esportiva. Para Hall (1997), tais similaridades são a vivência de uma mesma cultura, compartilhando certos comportamentos. E assim se manifestam porque há uma “rivalidade entre os dois países, ao nível subjetivo, como um estereótipo ideológico” (CERVO; RAPOPORT, 1998, p. 305). Pode-se dizer, assim, que há uma reprodução, no JN, do pensamento dos brasileiros.

CATEGORIA	QUANTIDADE DE NOTÍCIAS
Esporte	14
Relações c/ Brasil	11
Política	10
Internacional	4

Quadro 4.2 – Quantidade de notícias por categoria

Analisando esse quadro sob a ótica da hipótese de *Agenda-setting*, mais precisamente sobre a questão do enquadramento (WOLF, 2008), há um amplo destaque para o esporte no noticiário do JN. Um fato que pode explicar a predominância da categoria Esporte foi a ocorrência do Mundial Interclubes da FIFA, com os principais disputantes sendo Santos, time brasileiro, e Barcelona, equipe espanhola cujo principal jogador é Lionel Messi, um argentino. Essa situação de dois craques com possibilidade de se enfrentar, o que acabou ocorrendo, conhecidos no mundo todo, motivou matérias comparando os dois jogadores, como dito anteriormente.

Há apenas quatro notícias na categoria Internacional, ou seja, quando a Argentina está em relação com outros países, exceto o Brasil. Percebe-se, assim, que uma das chaves para o aparecimento do país vizinho no JN é sua relação com a nação brasileira ou a importância do fato em si para os argentinos, que, acredita-se, pela proximidade com o Brasil, ganham espaço, em especial na categoria de Política, que contou com dez notícias. Essa categoria, cabe ressaltar, foi reforçada pelas eleições presidenciais e por medidas governamentais consideradas polêmicas que ocorreram no período mobilizado para este estudo.

Com relação os formatos em que foram veiculadas as notícias sobre a Argentina no JN, temos o seguinte quadro:

Categoria	Nota Coberta	Nota Pelada	Matéria	Reportagem	Trecho Entrevista	Nota de Pé
Esporte	3	3	6	1	1	
Internacional		1	4			1
Política		1	7			
Relações c/ Brasil	2	1	7		1	

Quadro 4.3 – Os formatos em cada categoria

Por se tratar de um formato em que a informação pode ser tratada de maneira um pouco mais aprofundada e com utilização de pouco mais de um minuto (Rezende, 2000), a matéria foi o formato, de longe, mais utilizado, 24 vezes. Além disso, algumas pautas, como as do embargo a calçados brasileiros pela Argentina e das eleições no país vizinho, eram de grande repercussão e mereciam, para entendimento do telespectador, ser noticiadas mais explicativamente. Daí decorre, infere-se, a recorrência na escolha por esse formato. Recorrência que reforça a hipótese de atribuição de importância à Argentina por parte do JN.

Maior diversidade de formatos foi encontrada, também, na categoria Esporte. Possivelmente pela leveza do assunto, sua abordagem foi feita de diversas maneiras, além de evidenciar-se, conforme o número predominante de notícias, a importância que o tema possui no JN.

A larga vantagem numérica de matérias pode ser explicada pela presença dos dois correspondentes que a Rede Globo possui na Argentina, não sendo, *a priori*, necessário adquirir imagens de agências de notícias. A presença de correspondentes e a veiculação de notícias com imagens são outras formas de se demonstrar a importância que o país vizinho possui.

Inicia-se, agora, uma análise das palavras que mais se repetem nas notícias em que há menção à Argentina, de acordo com cada categoria temática, tendo em vista que “A co-ocorrência frequente de palavras dentro da mesma frase ou parágrafo é tomada como indicador de sentidos associativos” (BAUER, 2008, p. 193). A sequência das categorias analisadas é Esporte, Internacional, Política e Relações com o Brasil¹¹.

¹¹ Serão exibidos no trabalho os quadros com as 10 palavras mais recorrentes em cada categoria. Pode ocorrer a presença de mais de 10 palavras, quando houver empate de citações entre as expressões do final da tabela. Os quadros completos encontram-se nos Apêndices deste trabalho, devido à falta de espaço.

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Barcelona	28
Neymar	23
Messi	19
Brasil	10
Santos	10
Brasileiro(a)(s)	9
Argentino Lionel Messi (Argentino Messi)	8
Gol (gols)	7
Mundial de Clubes (Mundial de Clubes da Fifa, do Japão)	7
Argentina	6

Quadro 4.4 – As palavras com mais ocorrência na categoria Esporte

O quadro acima revela o caráter predominante do futebol na categoria Esporte, mesmo em uma época onde ocorreram, também, Jogos Pan-Americanos, Jogos Parapan-Americanos e Copa do Mundo de Vôlei. Do mesmo modo que se evidencia um confronto, através das palavras “Neymar” e “Messi”, “Barcelona” e “Santos” e “Argentina” e “Brasil”. Merecem destaque os fatos de que “Brasil” tenha mais ocorrências do que “Argentina” e que “Messi” tenha mais menções do que “argentino Messi”, tendo sua nacionalidade afastada de seu nome, em especial quando o Santos foi derrotado pelo Barcelona, equipe onde joga o argentino.

O constante entrelaçamento de Brasil e Argentina ao lado da ocorrência significativa e competitiva de Messi e Neymar revela uma relação de rivalidade, conforme Hall (1997), cada nova apreensão de um conceito vai reforçar alguma concepção, assim, notícias com esse enfoque vão reforçar determinadas opiniões. Além disso, considerando que o futebol permeia as identidades nacionais e Brasil e Argentina, ele serve como catalisador da rivalidade, já que, segundo Jambeiro (1997), nos países do MERCOSUL, a busca por uma identidade nacional era entendida como um nacionalismo que se opunha ao estrangeiro.

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Cinzas Cinzas de um vulcão Cinzas de um vulcão chileno Cinzas do vulcão	8
Acusa (Acusações) acusados Acusou	4
Brasil	3
Buenos Aires	3
América do Sul	2
Arábia Sáudita	2
Argentina	2
Cancelados (Cancelamento de voos)	2
Chile	2
Cinzento Coberto pelas cinzas	2

Quadro 4.5 – As palavras com mais ocorrência na categoria Internacional

As palavras mais recorrentes na categoria Internacional revelam um relacionamento da Argentina, majoritariamente, com a América do Sul. Apenas “Arábia Saudita” está fora do eixo latino, conforme as expressões com mais ocorrência demonstram. A pauta mais destacada nessa lista é a das cinzas de um vulcão chileno que afetaram o funcionamento de aeroportos na Argentina e no Brasil. Apenas “Arábia Saudita” e “acusa (acusações, acusados, acusou)” não se referem à essa pauta, as demais palavras são todas voltadas para o fato “as cinzas dos vulcões”. Com base nisso, é possível dizer que foi para um cenário de turbulência nas suas relações que o JN enquadrou a Argentina na categoria Internacional. De certa forma, isso reacende o convívio tenso entre Brasil, Argentina e Chile durante o século XIX, conforme Cervo e Rapoport (1998). Percebe-se, igualmente, que o JN, também pelo fato de possuir dois correspondentes em Buenos Aires, enfoca o país vizinho sob o ângulo de sua capital, que possui mais menções do que a própria Argentina. “Buenos Aires”, sem uma notícia específica sobre a cidade, tem mais menções do que um município argentino que teve uma matéria exclusivamente voltada para si. Por sinal, a matéria relatava as consequências das cinzas do já citado vulcão chileno.

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Cristina Kirchner (Cristina) (Presidente Cristina Kirchner)	28
Presidente (Presidente argentino) (Presidente da Argentina) Presidente argentina Presidente Cristina Kirchner	14
Argentina	13
Governo	12
País (Países)	10
Clarín (grupo)	9
Alfredo Astiz (Astiz)	8
Aprovar (ser aprovado) (aprovada) Aprovado Aprovação	7
Condenar (condenou) Condenação(condenado) Condenados	7
Controlar Controlar a imprensa Controle	7
Papel jornal Papel para jornais	7

Quadro 4.6 – As palavras com mais ocorrência na categoria Política

A primeira impressão desta categoria é o seu tratamento sob o ângulo oficial, através do amplo domínio das expressões “presidente” ou “Cristina Kirchner”, “Argentina”, “governo” e “país”. Acontece com Cristina Kirchner o mesmo que ocorreu com o jogador de futebol Lionel Messi. O número de ocorrências de seu nome ao lado do gentílico é só a metade do número de aparições apenas de seu nome. Novamente a

nacionalidade argentina foi afastada da figura humana que era notícia. O alto número de citações à presidente argentina em comparação com as demais palavras do quadro, “Clarín”, “controlar” e “papel jornal”, revelam a relação conflitante de Cristina com a imprensa local, em especial com o grupo de comunicações *Clarín*. As ações da presidente, conforme opinião de argentinos revelada nas notícias, eram tidas como autoritárias. De todo modo, a simples existência da tensão *Cristina X Clarín*, além do julgamento de Alfredo Astiz, repressor durante a ditadura militar no país, serve para revelar um ambiente instável no país, e reforçar a ideia de desorganização e baderna na Argentina, já que, conforme Jacks et al (2004), baseada em Schmeil (1994), há um sistema de representação prévio na relação entre brasileiros e argentinos. Além disso, segundo o quadro das palavras com mais menções, estes dois assuntos tiveram mais ênfase do que as eleições presidenciais argentinas. Jacks et al (2004) afirmam que o jornalismo tem o seu discurso atravessado pelo sentimento de rivalidade entre argentinos e brasileiros. Por outro lado, as pessoas são influenciadas pelo discurso jornalístico. Conforme Fonseca (2003), não tendo outra forma de tomar conhecimento dos acontecimentos, a sociedade depende do jornalismo para formar uma ideia da realidade, embora não seja a única fonte. Assim, percebe-se a formação de um círculo vicioso entre público e jornalismo, um influencia o outro na formação de sua opinião e na forma de veiculação de seus conteúdos.

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Argentina	6
Ilhas Malvinas (Malvinas)	5
Brasil	4
Barrar (barra, está barrando)	3
Países do MERCOSUL	3
Perder (perda)	3
Buenos Aires	2
Carro	2
Melhor (o Brasil ser melhor)	2
Ministério do Turismo	2
Morrer (morreram) (Morto)	2
Pagar (pago)	2
País vizinho	2
Prejuízos	2
Turistas	2

Quadro 4.7 – As palavras com mais ocorrência na categoria Relações com o Brasil

Na última categoria a ser analisada revela-se que as relações entre Argentina e Brasil, ao menos nas pautas abordadas pelo JN, são permeadas pela existência do MERCOSUL. Além de ser uma das expressões mais citadas, a relação de grupo entre

os países membros do bloco está evidenciada de forma positiva na pauta onde os países do MERCOSUL tomam decisão conjunta com relação a embarcações com bandeira das Ilhas Malvinas, e tensionada, quando do momento em que a Argentina barrou a entrada de calçados produzidos no Brasil em seu mercado. Para Jacks et al (2004), o sentimento de rivalidade entre brasileiros e argentinos está mais nas relações da cultura e do cotidiano do que no âmbito das decisões políticas.

Pelas presenças maciças de “Argentina” e “Brasil” no número de citações, vê-se que o JN trabalhou questões sob o ângulo de relações entre os dois países. Há a presença de “Buenos Aires”, porém, não há maiores especificações sobre estados ou províncias e cidades envolvidas nas pautas. Por sinal, a presença de Buenos Aires novamente reforça o argumento de tratamento de um país sob a ótica de sua capital. Nesta categoria, além das relações entre os países no âmbito de grupo, percebe-se uma forte ligação através do turismo.

Ainda com relação às palavras com maior recorrência nas pautas que tratam da Argentina, no que tange às quatro categorias analisadas, há, por parte do JN, um tratamento diferente dos nativos do país vizinho em comparação à forma como são denominados nos jornais do Sul do Brasil, conforme apontam Jacks et al (2004). As autoras perceberam o uso marcante da expressão *hermanos* para designar os nativos da Argentina. *Hermanos* quer dizer “irmãos” no idioma espanhol, mas carrega em suas variações de significado, ao longo da História, diferentes sentidos, desde “da mesma raça, legítimo” até a conotação de “delinquência e vandalismo”. Essa expressão tem pouquíssimas ocorrências no JN. O telejornal prefere retratar os nativos da Argentina pelos gentílicos, “argentino” e “argentina”, ou por “vizinhos”.

Tendo em vista o que foi exposto até aqui nos quadros e a respeito das palavras utilizadas no *Jornal Nacional* em referência à Argentina, passa-se, na sequência, para as Considerações Finais desta pesquisa, aonde vai-se responder questões relativas a hipótese motivadora deste trabalho.

5 Considerações

Tendo em vista o que foi exposto e analisado até este momento, afirma-se que a metodologia utilizada foi capaz de fornecer respostas às indagações e que os objetivos deste trabalho foram atingidos. Conforme o método adotado para análise e os resultados dela advindos, afirma-se que o *Jornal Nacional* incentiva a rivalidade entre Argentina e Brasil, ou Brasil e Argentina. Com base nas diversas explicações no item anterior, tanto sobre as pautas abordadas quanto sobre as palavras utilizadas, é possível afirmar isso.

A priorização de temas que acentuam e segmentam em lados opostos os dois países é a primeira evidência que reforça esse posicionamento. Brasil e Argentina são colocados como lados opostos de conflitos, em situações as mais diversas. Desde o futebol, no embate Messi e Neymar, até em questões comerciais, como no embargo a calçados brasileiros pelo governo argentino. Quando os dois países estão “no mesmo lado”, a questão é tratada unicamente sob a ótica do Estado, dos governantes. Não há a participação e exemplificação de que a população, ou parte dela, está incluída nessa relação, diferentemente do que ocorre, por exemplo, na questão do embargo aos calçados.

Além disso, em questões da categoria Política, há a constante menção para temas considerados delicados e negativos para a Argentina. Apenas com uma notícia a menos do que as eleições presidenciais, aparece a questão da liberdade de imprensa no país vizinho. A liberdade de imprensa é tratada como sendo algo sob constante ameaça no país vizinho. Outra pauta que recebeu relativa atenção foi o julgamento de militar considerado torturador durante a ditadura argentina. Como dito anteriormente, são questões que reforçam a ideia de desorganização na Argentina.

Nos momentos em que há união entre os dois países, como em questões turísticas ou do posicionamento adotado à respeito de embarcações das Ilhas Malvinas, prevalece a relação amigável por conta do MERCOSUL, e, neste caso, de questões restritas à economia e à diplomacia entre os Estados. Não há menção à relação cultural e social entre os países e seus habitantes pelo JN. Algo que reforça o momentâneo fracasso referente à proposta do MERCOSUL, exposta anteriormente neste trabalho, que previa a integração cultural e social entre seus países, algo já debatido em diversas reuniões do grupo.

De todo modo, é necessário reafirmar que o JN atribui importância à Argentina. Desde a existência de dois profissionais do jornalismo em Buenos Aires até a significativa presença de 39 notícias sobre o país vizinho em um universo de 80 edições do telejornal. Além disso, há no JN um enfoque mais amplo à Argentina, quando em comparação aos jornais do Sul do Brasil analisados por Jacks et al (2004). Como dito anteriormente, no estudo das autoras as pautas dos jornais sobre a nação vizinha restringem-se a questões turísticas, enquanto que no JN elas passam pelos mais diversos assuntos, desde política até futebol.

Porém, também como afirmam Jacks et al (2004), o jornalismo não tem como escapar do sentimento mútuo, cultural e cotidiano de rivalidade entre os povos. É exatamente essa situação percebida no JN. Além de tudo que já foi dito, seguidas vezes, quando o fato noticiado tem uma carga de rivalidade ou negativismo para os argentinos, o texto dos repórteres e/ou âncoras parece dividir com o telespectador o mesmo sentimento, uma mesma maneira de enxergar o país vizinho.

Por diversas vezes mencionadas durante a análise, além dos outros pontos também enfocados neste trabalho, as palavras com mais ocorrência no JN revelam certo posicionamento e permitem que se constitua uma rede de unidades de análise. Foi isso que se buscou ao longo deste trabalho analítico e, acredita-se, foi alcançado. Por isso, pode-se afirmar que o JN forneceu elementos, ao longo de suas pautas e palavras mais recorrentes, capazes de incentivar a rivalidade entre Argentina e Brasil.

Referências

ALEXANDRE, T. B. *Jornal da Globo E Jornal das Dez*: Um olhar à orientação editorial via comparativo de gêneros e formatos. Trabalho de Conclusão de Curso I. Centro de Educação Superior Norte – RS, curso de Comunicação Social – habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, Frederico Westphalen. 2011.

BAUER, M. **Análise de Conteúdo Clássica**: uma revisão. In: BAUER, M.; GASKELL, G. (orgs). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático; tradução de Pedrinho A. Guareschi. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 189-218.

BONNER, W. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo, SP: Globo, 2009.

BUENO, W. C. **Auditoria de imagem na mídia**. In: BARROS, A.; DUARTE, J. (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação** 2. ed. – 3. reimpr. – São Paulo, SP: Atlas, 2009.

CERVO, A. L.; RAPOPORT, M. (orgs). **História do Cone Sul**. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 1998.

FONSECA, V. P. S.; **A atualidade dos gêneros jornalísticos na imprensa brasileira contemporânea**. In: MENEZES, F. (org). **A Comunicação, o social e o poder: cultura, complexidade e tolerância** – (Coleção comunicação ; 28). Porto Alegre, RS: EDIPUCRS, 2003. 264 p.

HALL, S. **The work of representation**. In: Representation: cultural representations and Singnify practices. Califórnia: The Open University, 1997.

IANNI, O. **A Questão Nacional na América Latina**. Texto apresentado no Simpósio **Interpretações Contemporâneas da América Latina**, realização do Instituto de Estudos Avançados – Universidade de São Paulo – Sala do Conselho Universitário, 24 e 25 de Junho de 1987. São Paulo, SP: 1987.

JACKS, N. et al. **Hermanos, pero no mucho**: El periodismo narra la paradoja de la fraternidad y rivalidad entre Brasil y Argentina. 1. ed. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

MENDES, C. M.; **O falar do *Jornal Nacional***: Produção e recepção de um sotaque de natureza ideológica. Monografia – Curso de Graduação em Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG. 2006.

MERCADO COMUM DO SUL. MERCOSUL – Mercado Comum do Sul. Assunção, 1991. Disponível em: <www.mercosul.gov.br>. Acesso em: 30 mar. 2012.

NATALI, J. B. **Jornalismo Internacional**. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

REZENDE, G. J. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo, SP: Summus, 2000.

SILVA, F. **Telejornalismo**. 2010. Aula realizada no Centro de Educação Superior Norte – RS, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) em 15 mar. 2010.

STEINBERGER, M. B. **Discursos geopolíticos da mídia: jornalismo e imaginário internacional na América Latina**. São Paulo, SP: EDUC; Fapesp; Cortez, 2005.

TV BRASIL. **Caminhos da Reportagem: 20 Anos do MERCOSUL**. 2011.

WOLF, M. **Teorias das comunicações de massa**; tradução Karina Jannini. – 3ª ed. – São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

Apêndice A

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Barcelona	28
Neymar	23
Messi	19
Brasil	10
Santos	10
Brasileiro(a)(s)	9
Argentino Lionel Messi (Argentino Messi)	8
Gol (gols)	7
Mundial de Clubes (Mundial de Clubes da Fifa, do Japão)	7
Argentina	6
Bola	6
Craques	5
Fifa	5
Real Madrid	5
Bronze(s)	4
Conquistar (conquistou, Conquistada)	4
Driblar (driblou a imprensa internacional) (dribles) (drible)	4
Final (Final de Mundial de Clubes)	4
Jogador (jogadores)	4
Jogo (jogos)	4
Prata	4
Velocidade (velozes)	4
Vencer (Vencedor) (venceu)	4
Xavi	4
Bolívia	3
Carrossel	3
Daniel Alves	3
Decidir (decisão)	3
Espanyol	3
Jogos Pan-Americanos	3
Lesões	3
Maior	3
Marcar (marcação)	3
Mazía	3
Medalhas	3
Medalhas de ouro	3
Melhor jogador do mundo (melhor do mundo)	3
Ouro	3
Prêmio (prêmios)	3
Quadro de medalhas	3
Titulo	3
Ajudar	2
Arrancada	2
Atletismo	2
Atrás	2
Barcelona (cidade)	2
Campeã do mundo (campeões do mundo)	2
Candidato(s)	2
Conseguir (não conseguiu) (Neymar não conseguiu)	2
Contra	2
Cristiano Ronaldo	2

Derrotar (derrotas, derrotou)	2
Disputar (Disputa)	2
Duelo (Duelo particular)	2
Embarcar (embarca)	2
Escolha (Escolhidos)	2
Fabregas	2
Fábrica de craques (Fábrica de craques do Barcelona)	2
Ganhar (ganhou)	2
Goleada (não se refere ao jogo com o Santos)	2
Guilherme Amor	2
Habilidade	2
Handebol	2
Hugo Hoyama	2
Igual	2
Imprensa estrangeira (Imprensa internacional)	2
Marta	2
Opinião	2
Pelé	2
Português Cristiano Ronaldo	2
Segundo lugar	2
Seleção Brasileira (seleção)	2
Talento (talentosos)	2
Técnico (técnico Muricy Ramalho)	2
Treinar (treinou) (treinador)	2
Valdez	2
Zurique	2

Quadro 1 – As palavras com mais ocorrência na categoria Esportes

Apêndice B

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Cinzas Cinzas de um vulcão Cinzas de um vulcão chileno Cinzas do vulcão	8
Acusa (Acusações) acusados Acusou	4
Brasil	3
Buenos Aires	3
América do Sul	2
Arábia Sáudita	2
Argentina	2
Cancelados (Cancelamento de voos)	2
Chile	2
Cinzento Coberto pelas cinzas	2
Dólar Dólares	2
Embaixada	2
Espantam Espantar	2
Espera Esperando	2
Irã	2
Paraíso Pequeno paraíso	2
Provocada Provocaram	2
Vender (vende-se, a venda)	2
Vento	2
Vulcão	2
Vulcão chileno Puyeue	2

Quadro 2 – As palavras com mais ocorrência na categoria Internacional

Apêndice C

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Cristina Kirchner (Cristina) (Presidente Cristina Kirchner)	28
Presidente (Presidente argentino) (Presidente da Argentina) Presidente argentina Presidente Cristina Kirchner	14
Argentina	13
Governo	12
País (Países)	10
Clarín (grupo)	9
Alfredo Astiz (Astiz)	8
Aprovar (ser aprovado) (aprovada) Aprovado Aprovação	7
Condenar (condenou) Condenação(condenado) Condenados	7
Controlar Controlar a imprensa Controle	7
Papel jornal Papel para jornais	7
Câncer Câncer linfático Câncer na laringe Câncer na tireoide	6
Ditadura (Ditadura argentina) Ditadura militar	6
Julgar (estão sendo julgados) (vai ser julgado) (Julgamento)	6
Lei	6
Oposição	6
Prisão perpétua	6
Senado (Senadores) Senado	6
Anjo loiro da morte	5
Buenos Aires	5
Dilma Rousseff Presidente Dilma Rousseff	5
Eleitores (Eleitores argentinos) Eleita Eleições	5
Governador (Governadores)	5
Liberdade de imprensa	5
Segundo mandato	5
Votar (deve ser votado) Votação maciça (votos) Votado	5
Câmara	4
Crime Crimes	4
Governo argentino	4
Hugo Chavez (Chavez)	4
Projeto Projetos	4
Reeleger (ser reeleita) (reeleição) (reeleveu) (Reeleveu)	4
Sentenças Sentença (Sentença argentina)	4
Venezuela (venezuelano)	4
Acordo Acordo comercial Acordo de livre comércio	3
Apoio apoio (Mensagem de)	3
Brigar Briga	3
Calar Calar a imprensa independente	3
Congresso	3
Distribuir Distribuição	3
Ex-militar (ex-oficial) Ex-oficiais	3
Fábrica Fabricação	3
Força (Força política) Forças	3
Freiras francesas	3

Intenções de voto (pesquisa de intenção...)	3
Jornal (jornais)	3
Justiça	3
La Nación	3
Lutar (lutou) Luta	3
Marido morto Marido	3
Nestor Kirchner Nestor	3
Papel prensa	3
Propor (propôs) Proposta	3
Repressão Repressão militar Repressor	3
Sociedade interamericana de imprensa	3
Urnas	3
Vitória	3
Acusar (acusa o governo) (acusam)	2
Afirma (afirmaram)	2
Alegação Alegar	2
Analistas políticos	2
Aplaudida Aplausos	2
Aprofundar	2
Aqui	2
Assassinar (foram assassinadas)	2
Atual presidente	2
Brasil	2
Campanha	2
Capital	2
Centro de tortura	2
Chefes de estado	2
Combatente	2
Comparecer às urnas (Vão às urnas)	2
Defender (defendeu)	2
Deputados	2
Diagnóstico	2
Discurso	2
Empresa	2
Enfrenta Enfrentar	2
Escola mecânica da armada Escola Superior da Armada	2
Exportação Exportações	2
França	2
Grande Buenos Aires	2
Grupo das mães da praça de maio Mães da praça de maio	2
Hermes Biner	2
Hormônios	2
Importação	2
Imprensa independente	2
Invadir (invadem)	2
Lei dos meios de comunicação Lei de meios	2
Madrugada	2
Marinha Marinha argentina	2
Militares argentinos	2
Ministros palestinos	2
Notícia	2
Nova ameaça	2
Operadora de TV à cabo (Emissora de TV à cabo)	2
Países do Mercosul	2
Participação	2

Pátria	2
Pessoas	2
Preocupar (preocupa) (preocupação)	2
Presidente	2
Presidentes	2
Presos políticos	2
Primeiro turno	2
Processo	2
Produtos	2
Redemocratização	2
Réu Réus	2
Segundo colocado	2
Sequestrar (sequestro)	2
Simbolos	2
Tireoide (glândula tireoide)	2
Tomar posse (tomou, toma)	2
Torturar (Tortura)	2
Tratamento Tratamento de um câncer	2
Tribunais Tribunal	2
Tumor Tumor na região da pelvis	2
Vice-presidente	2
Viver (vive)	2

Quadro 3 – As palavras com mais ocorrência na categoria Política

Apêndice D

TERMO	Nº DE CITAÇÕES
Argentina	6
Ilhas Malvinas (Malvinas)	5
Brasil	4
Barrar (barra, está barrando)	3
Países do MERCOSUL	3
Perder (perda)	3
Buenos Aires	2
Carro	2
Melhor (o Brasil ser melhor)	2
Ministério do Turismo	2
Morrer (morreram) (Morto)	2
Pagar (pago)	2
País vizinho	2
Prejuízos	2
Turistas	2

Quadro 4 – As palavras com mais recorrência na categoria Relações com o Brasil

Anexo A

CD e DVD's com as das edições analisadas.